

**Crianças e jovens na cultura digital:
entre riscos e oportunidades *on-line***
**Children and youth in digital culture:
between online risks and opportunities**

Reginaldo Guedes¹
regisguedes08@gmail.com

Resumo

Não podemos escapar às mídias. Crianças e adolescentes que nasceram em meio a essa nova cultura digital descobrem um mundo onde estar ligados à tecnologia é um modo de vida. Todo o avanço possibilitado aos jovens pela tecnologia representa também um novo conjunto de receios e desafios para os educadores. Ao pensarmos na relação entre o campo da educação e da comunicação, torna-se cada vez mais importante incluir e desenvolver, nas crianças e adolescentes, habilidades cognitivas para o manuseio, com segurança, da Internet. Até porque, de acordo com Lévy (1993), as novas mídias vão provocá-los por sua própria natureza paradigmática. O objetivo deste trabalho é discutir algumas ideias a respeito dos potenciais riscos e as novas oportunidades *on-line* oferecidas e compartilhadas por crianças e adolescentes, dialogando com pesquisas que procuram explorar essa relação de crianças e jovens com as novas tecnologias, em especial as que lidam com o uso da Internet.

Palavras-chave: mídias; Internet; literacia digital; riscos e oportunidades.

Abstract

We can't escape from media. Children and youth who were born in the middle of this new digital culture discover a world where being connected to technology is a way of life. Every advance made by technology for the youth represents a new set of fears and challenges for educators. As we think about the relationship between education and communication, it's important to develop in children and teenagers cognitive skills to guarantee a safely use of the Internet. According to Lévy (1993), the new media will tease cognitive skills for its own paradigmatic nature. The objective of this paper is to discuss some ideas about online potential risks and opportunities shared by children and adolescents, in dialogue with researches that seek exploring the children and youth relationship with the new technologies, especially those who use the Internet.

Keywords: media; Internet; digital literacy, risks and opportunities.

¹ Doutorando em Ciências Humanas/Educação (PUC-Rio).

O conhecimento produzido no campo da comunicação e da educação não deve ser relacionado apenas à vida profissional dos que atuam nessas áreas. Esses saberes desenvolvidos perpassam a todos como pessoas e como cidadãos. Envolve responsabilidades para conosco e para com aqueles com quem compartilhamos os diversos espaços. E envolvem valores e posturas que, necessariamente, devem ser transpostos para nossas atuações com as pessoas, em todos os ambientes.

Os esforços e a interlocução empreendidos por essas duas áreas (comunicação e educação) vêm auxiliando muitos pesquisadores a pensar sobre o poder de alcance das tecnologias digitais de informação e comunicação sobre a nossa sociedade. Olhando nosso contexto histórico recente, percebemos importantes e aceleradas mudanças no cenário da comunicação e da cultura, provocadas pela interação entre as inovações tecnológicas e as demandas sociais por participação e expressão. Ou seja, vislumbramos o desenvolvimento de uma nova cultura digital, na qual a tecnologia digital permitiu a disseminação global dos dispositivos de comunicação na sociedade. O crescente número de mídias presentes no tecido social representa mais possibilidades e maior interesse por interações entre as pessoas².

Os estudos desenvolvidos no Reino Unido (*UK Children Go Online*)³, assim como outras investigações realizadas em diversos países europeus, recorrentemente apontam que as crianças e jovens (com menos de 18 anos) “navegam” na Internet, cujo acesso se inicia cada vez mais cedo e aumenta exponencialmente com a idade. Paradoxalmente, ou talvez não, são os jovens quem mais proveito parece tirar das tecnologias disponíveis, fazendo-o de forma autônoma, utilizando-as com eficácia e para objetivos que vão muito além das

² O termo **mídia**, proveniente do inglês *media*, significa a rigor, meio. O problema é que, em muitas línguas, esse termo tem múltiplos significados. Neste trabalho, situamos a mídia como algo que está entre, que conecta, que permite que algo mude de lugar, numa dinâmica de fluxo entre emissor/receptor. Os estudos atuais no campo da comunicação procuram avançar no sentido de definir as mídias como vias de ligação que permitem a circulação de informação, conhecimentos e todo tipo de material simbólico. As pesquisas costumam se voltar para análise do fenômeno comunicacional das **mediações**, influenciadas pelas discussões e reflexões desenvolvidas por Barbero (2004). De acordo com o autor, o termo **mediações** pode ser definido como “espaço entre”: são os eventos e situações que emergem durante o processo comunicativo entre o indivíduo e a mídia.

³ Pesquisa realizada no Reino Unido em 2004, com 1.500 crianças e jovens, na faixa etária dos 9 aos 19 anos, e com seus pais, focada na introdução da Internet nas casas de família. Mais detalhes em: <http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/pdfs/28_04_05_childrenonline.pdf>. Acesso em 01/07/2013.

aprendizagens escolares, conforme destacam e sugerem pesquisas realizadas em âmbito nacional e internacional.

Crianças e adolescentes que nasceram em meio a essa nova cultura digital descobrem um mundo, onde estar ligados à tecnologia é um modo de vida. Não precisamos sair de casa para nos comunicarmos. Todo o avanço possibilitado aos jovens pela tecnologia representa, por outro lado, um novo conjunto de receios e desafios para os educadores. As mídias, a Internet e as novas tecnologias da comunicação vieram, assim, levantar questões e, eventualmente, gerar novos problemas. De acordo com Silverstone (2005)

não podemos escapar à mídia. Ela está presente em todos os aspectos de nossa vida cotidiana. Essencial a esse projeto [...] de pôr a mídia no cerne da experiência, no coração de nossa capacidade ou incapacidade de compreender o mundo em que vivemos. [...] Estudá-la como dimensão social e cultural, mas também política e econômica, do mundo moderno. Estudar sua onipresença e sua complexidade, [...] como algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados. (p. 9)

De certo, a inserção das crianças e jovens no mundo digital traz, ao mesmo tempo, benefícios e potenciais riscos. As inúmeras possibilidades estão relacionadas à aprendizagem, socialização, comunicação e entretenimento. Entretanto, o acesso à rede tem potencializado a exposição a riscos *on-line*, alguns deles comuns também no mundo *off-line* (tais como *bullying*, pornografia, contato com estranhos, aliciamentos, racismo etc.). No cenário mundial, começamos a nos deparar “com o fantasma de mais uma intensificação da cultura midiática pelo crescimento global da Internet e pela promessa (alguns diriam ameaça) de um mundo interativo, em que tudo e todos podem ser acessados, instantaneamente” (SILVERSTONE, 2005, p.17).

A intenção do presente ensaio é discutir algumas ideias a respeito dos potenciais riscos e as novas oportunidades *on-line* oferecidas e compartilhadas por crianças e adolescentes. Em um primeiro momento, vamos analisar pesquisas que procuram explorar essa relação de crianças e jovens com as novas tecnologias, em especial as que lidam com o uso da Internet. Conceitos como literacia digital, *internet literacy* (LIVINGSTONE, 2011), prevenção do risco, mediação parental e da escola dos usos e acesso à Internet, redes sociais, salas de conversação, *cyberbullying* etc. servem de apoio às reflexões. Por fim, procuramos problematizar

a importância da escola, dos pais e dos professores, tendo em vista a ampliação da capacidade para equilibrar riscos e oportunidades do uso da Internet pelos jovens, assumindo, assim, uma responsabilidade partilhada em prol da utilização correta das novas tecnologias da comunicação por crianças e adolescentes.

É fato que as discussões problematizadas neste ensaio devem ser consideradas como um processo inicial de diálogo, a respeito de um tema importante para quem está envolvido e disposto a pensar a relação entre educação e comunicação no Brasil.

Fatores de risco e o uso responsável da Internet entre crianças e jovens

A função desempenhada pela Internet entre crianças e jovens costuma orientar-se para a realização de pesquisas escolares, entretenimento e comunicação interpessoal. Nesse último item, estar *on-line* e estar em contato com os pares mostram-se como uma vertente de interação comunicacional da Internet bastante utilizada pelos jovens e que, frequentemente, é pouco percebida e “controlada” pelos pais (LIVINGSTONE, 2011).

Com o avanço do uso da Internet entre adolescentes e crianças cada vez mais novas, o projeto europeu *EU Kids Online* surgiu em 2006, reunindo 18 países⁴, com o objetivo de realizar um levantamento/diagnóstico da pesquisa sobre crianças e novas tecnologias e compreender a relação de crianças e jovens e de suas famílias com a Internet, além de possibilitar uma atenção especial aos usos e questões de risco, contemplados pelas pesquisas já realizadas em âmbito europeu. Conforme Ponte e Vieira (2008), até o início de 2007, foram identificados e analisados 235 estudos, realizados entre 2000 e 2006, e, dentre as questões relacionadas com os riscos *on-line*, podemos destacar:

- ✓ a exposição a conteúdos ilegais e a conteúdos lesivos ou ofensivos;
- ✓ contatos com estranhos (pedófilos, *grooming*, *chatrooms*);
- ✓ *cyberbullying*;
- ✓ conteúdos produzidos pelo próprio utilizador;
- ✓ acesso a material de natureza sexual, violenta e racista;

⁴ Mais detalhes em: <<http://www.lse.ac.uk/media@lse/Home.aspx>>. Acesso em 24/06/2013.

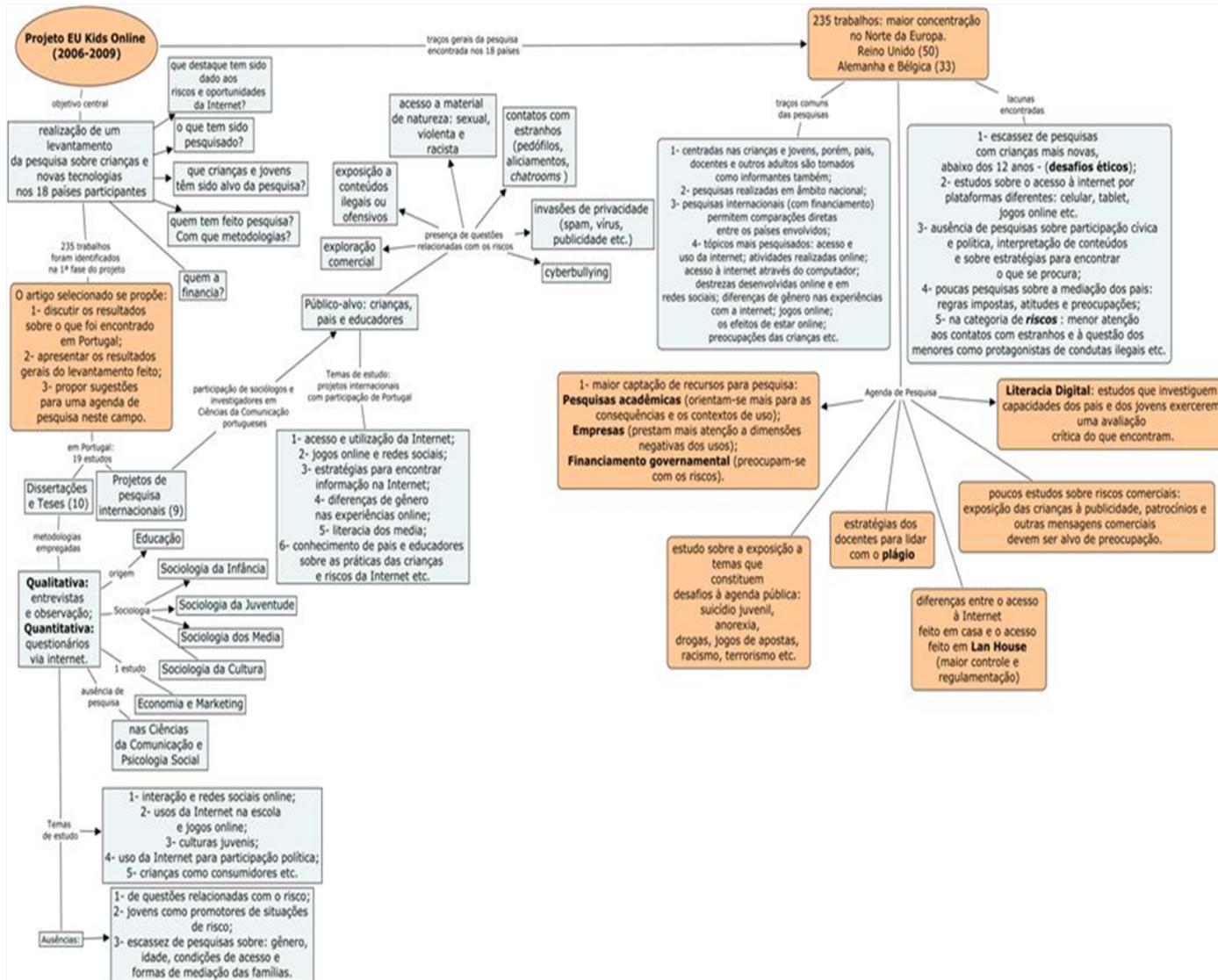
- ✓ invasões de privacidade (*spam*, vírus etc. riscos oriundos de propagandas de publicidade, exploração comercial e desinformação etc.

A partir do levantamento realizado no *EU Kids Online I* (2006 a 2009), foi possível assinalar os principais traços em comum e as lacunas encontradas nas pesquisas, favorecendo o desenvolvimento de uma agenda de trabalho em torno da temática sobre a relação de crianças e jovens com a Internet.

De acordo com Ponte e Vieira (2008), o diagnóstico do *EU Kids Online I* identificou que as pesquisas realizadas na Europa sobre esse tema têm privilegiado as interações em contexto escolar ou público, em detrimento dos usos em contexto familiar. Destacou-se também que boa parte das investigações possui origem e um enfoque educacional, privilegiando a interdisciplinaridade, estando as áreas das ciências da comunicação e da psicologia social ainda ausentes. O primeiro relatório apontou ainda para a predominância de estudos simultaneamente qualitativos e quantitativos, mas com amostras não representativas e com períodos de observação curtos (a maioria das pesquisas identificadas foi realizada em contexto acadêmico, em nível de dissertações de mestrado). Verificou-se, nesses estudos, que algumas problematizações ainda não tinham entrado na agenda de pesquisa: ausência de questões relacionadas com o risco; atitudes e comportamentos de crianças e jovens em matéria de segurança e riscos relacionados com conteúdos e contatos, seja como seus destinatários, seja como promotores de situações de risco; a reduzida investigação sobre as famílias e as suas diferentes formas de mediação; atenção maior dos pesquisadores aos adolescentes, não sendo encontradas pesquisas com crianças mais novas⁵. Assinalou-se também um número escasso de pesquisas orientadas para variáveis como o gênero (feminino e masculino), sobre as diferenças de idade, de nível socioeconômico e de condições de acesso.

A seguir, como forma de síntese, apresentamos um mapa mental com as principais ideias desenvolvidas pelos autores Ponte e Vieira (2008), a respeito do projeto *EU Kids Online I*.

⁵ Nesse item, percebemos a necessidade de estudos com crianças mais novas (até 12 anos de idade). Porém, é fato que tal problemática de pesquisa comporta desafios metodológicos significativos, além da implicação de questões éticas (como, por exemplo, a exposição de crianças a conteúdos de risco, “para adultos”, na Internet).



Dando continuidade, nos projetos *EU Kids Online II* (2009-2011) e *III* (2011-2014), os pesquisadores tiveram como foco principal preparar e desenvolver um *survey*, para obter respostas e trabalhar na produção de dados, através da aplicação de questionários em amostras - de crianças e jovens - estatisticamente representativas nos países envolvidos. A tarefa não é apenas diagnosticar, mas identificar, através dos fatores de vulnerabilidade estipulados, quem está ou não em risco, tanto em nível individual como em nível nacional, além de, associado a isso, problematizar as diferentes estratégias de mediação parental encontradas.

Em recente relatório, publicado a partir de uma revisão na base de dados europeia, Livingstone et al (2013) realizaram alguns apontamentos sobre o uso da Internet para crianças, incluindo o uso de tecnologias móveis, identificadas pela rede. Na categoria “riscos e danos”, o relatório destaca que muitas crianças não se sentem aborrecidas ou incomodadas por algo que experimentaram na Internet. Os riscos não são necessariamente vistos pelas crianças como algo prejudicial. Por exemplo, ver mensagens sexuais ou receber mensagens sexuais acontece com uma em cada oito crianças, mas elas não veem isso como prejudicial, exceto algumas que são expostas a essas imagens. Em contraste, ter sido vítima de *bullying on-line* não é algo muito comum. Isso acontece com uma em cada vinte crianças. No entanto, é o risco mais provável que pode perturbar a criança (LIVINGSTONE ET AL 2013).

Na categoria “oportunidades e benefícios”, o relatório aponta para uma provável potencialização do letramento digital e das habilidades de segurança pelo uso da Internet; 36% das crianças (de 9 a 16 anos) disseram que a afirmação “eu sei mais sobre Internet do que meus pais” é **muito verdadeira**; 31% dizem que é **um pouco verdadeira**; e 33% dizem que a afirmação **não é verdade** (pesquisa realizada pelo *survey* do *EU Kids Online*). Os mais jovens tendem a não ter habilidades relacionadas à segurança na rede e nem confiança neles mesmos. No entanto, muitos jovens entre 11 e 16 anos conseguem bloquear mensagens daqueles com os quais não querem mais contato (64%) e se deparam com conselhos de segurança *on-line* (64%); metade dos pesquisados consegue trocar as configurações de privacidade em uma rede social (56%); e muitos comparam *sites* e julgam a sua qualidade (56%) e ainda conseguem bloquear *spam* (51%).

Ainda em relação aos “riscos e oportunidades”, o relatório observa que os estudos austríacos cobrem uma grande variedade de temas. Em geral, as investigações afirmam que os jovens austríacos têm consciência dos riscos do *cyberbullying* e da necessidade de proteção de seus dados pessoais na Internet; mas seus processos de funcionamento e sua própria avaliação sobre o que é risco não são tão sofisticados assim. A confiança dos jovens com relação a informações encontradas na Internet é bem baixa, se comparada a outras fontes de informação. No entanto, muitos estudos concordam que não basta apenas olhar para os riscos *on-line*, é preciso também olhar os fatores *off-line* que podem influenciar os riscos *on-line*, pois as fronteiras entre as duas esferas ainda estão nebulosas e geralmente os jovens não fazem distinção entre elas.

Por fim, os autores destacam no relatório que, em termos metodológicos, a maioria dos estudos realizados usa somente dados quantitativos. Cerca de dois terços dos estudos usam apenas dados quantitativos, e as demais pesquisas parecem não usar métodos variados, assim como se percebe a existência de mais pesquisas sobre **riscos e prejuízos** do que sobre **benefícios e oportunidades**: para cada dois estudos que comentam sobre as oportunidades e os benefícios relacionados ao uso da Internet e das tecnologias móveis, existem três estudos que enfatizam os **riscos e danos**. A **mediação** (pelos pais ou por outros meios) é o tópico menos estudado.

Por outro lado, é importante destacar que o Brasil é um dos países afiliados ao projeto *EU Kids Online III*. Assim, tomando como parâmetro os referenciais conceituais e metodológicos do projeto europeu, em 2012, foi publicado o relatório brasileiro, contendo os indicadores e os principais resultados da pesquisa desenvolvida no país. No Brasil, a pesquisa investigou não apenas os usos e hábitos das crianças e adolescentes e suas relações com a Internet, mas também o de seus pais/responsáveis.

Ponte e Simões (2012) observam que, na comparação com os resultados europeus, e sem esquecer a diferença temporal, é notável o acesso e entrada nas redes sociais das crianças brasileiras mais novas:

a vontade de integração com pares e a pressão para estar na rede social ‘onde estão todos’ parecem ter uma expressão fortíssima entre as crianças brasileiras, desafiando a um melhor conhecimento do que são as suas práticas e como podem ser realizadas em segurança. (p.34)

De forma geral, os resultados em nível nacional foram compatíveis com outros achados internacionais (*EU Kids Online; Mediapro*) e indicaram altos níveis de habilidades no uso dos recursos técnicos das diferentes mídias, a preponderância do uso para comunicação *on-line* e a existência de um “*gap*” entre as habilidades de uso dos recursos tecnológicos de informação e a aplicação dessas habilidades para a autoinstrução (DUARTE et al, 2012). Livingstone (2011) também questiona esse senso comum em relação à habilidade dos mais jovens com a Internet, apontando, em seu estudo, a deficiência social em dar o suporte suficiente para a literacidade dos adolescentes, na tentativa de transpor o “mito do *ciberkid*”.

[...] os resultados obtidos [pela pesquisa brasileira] Juventude e Mídia, cotejados com os dos demais estudos apresentados, nos permitem concluir que crianças e jovens são, em sua maioria, autodidatas na relação com tecnologias da informação e da comunicação. De um modo geral, desenvolvem sozinhos, e/ou com a ajuda dos pares, importantes habilidades ligadas ao uso desses recursos. [...] Entretanto, contrariando a tese subjacente aos conceitos geracionais, como o de “nativos digitais”, formulado por Prensky (2001), a maior parte dos estudos realizados nos últimos dez anos indica ser falaciosa a ideia de que as novas gerações “nascem sabendo” tudo de que precisam para explorar integralmente o potencial das TI e da Internet; [...] o desenvolvimento das habilidades relacionadas à autoinstrução, nomeadamente aquelas que envolvem busca, seleção, organização, produção e compartilhamento de informações, essenciais para a aquisição de conhecimentos, com ou sem o uso de recursos tecnológicos, exige a mediação de adultos preparados para isso. (DUARTE et al, 2012, p.6)

Cabe destacar que, segundo Neves (2008), “acompanhando a natureza própria da Internet, os conceitos de risco e oportunidade apresentam-se fluidos e em permanente revisão, estando longe de alcançar uma definição consensual aos olhos de filhos e pais” (p. 11). Dessa forma, as contribuições do projeto *EU Kids Online* potencializaram um primeiro enquadramento conceitual sobre a relação das crianças com a Internet, ao considerar os riscos e as oportunidades em uma dimensão, ao mesmo tempo, individual (a criança) e contextual (o país onde vive). Além disso, essas dimensões também são afetadas pelas mediações por parte dos pais, professores e amigos e por fatores de ordem demográfica, como a idade, o gênero e a situação socioeconômica. Podemos visualizar, logo abaixo, uma listagem com a identificação dos principais usos e riscos *on-line* apresentados pelos jovens no estudo desenvolvido por Neves (2008).

Quadro de Identificação de Usos *On-line* Preferenciais e Riscos *On-line*

Aplicações da Internet

- 1- Pesquisar informação como parte do meu trabalho da escola;
- 2- Pesquisar informação sobre assuntos que me interessam/navegar por prazer;
- 3- Enviar e receber e-mails;
- 4- Usar o MSN/falar com os amigos por *chat*;
- 5- Entrar em *chats* abertos;
- 6- Criar o meu próprio *blog/homepage* e colocar os meus próprios textos, fotos, música na Internet;
- 7- Ler e responder a *blogs/homepages* de amigos;
- 8- Ler e responder aos *blogs/homepages* de pessoas que nunca conheci;
- 9- Jogar jogos *on-line*;
- 10-Baixar música, filmes, vídeos, jogos e outros arquivos;
- 11-Partilhar arquivos (música, filmes, vídeos, jogos ou outros);
- 12-Partilhar fotos;
- 13-Descarregar toques/imagens para o meu telefone celular;
- 14-Participar em concursos;
- 15-Fazer telefonemas através da Internet;

Para concluir...

Rodeados por uma nova cultura digital, estamos em um momento histórico de aceleradas mudanças no cenário da comunicação e da cultura, provocadas pela interação entre as inovações tecnológicas e as demandas sociais por participação e expressão. As transformações comunicativas na sociedade e na cultura são muito complexas e amplas. A interatividade, no contexto da nova cultura digital, se exprime pela efetiva participação dos interlocutores, a partir de uma perspectiva dialógica, e o grande crescimento das redes sociais é o exemplo de como a cultura digital vem promovendo transformações profundas em nossa sociedade, em nossas formas de pensar, de aprender e de nos relacionarmos.

À educação, seja formal, não formal ou informal, cabe a função social de planejar e implementar ações que garantam o desenvolvimento de

capacidades/habilidades cognitivas, imprescindíveis para os sujeitos/educandos, e que busquem garantir e viabilizar, com segurança, todo o potencial oferecido pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Nos estudos e pesquisas anteriormente citados (PONTE; VIEIRA, 2008; PONTE; SIMÕES, 2012; DUARTE et al, 2012; NEVES, 2008; LIVINGSTONE, 2011; LIVINGSTONE et al, 2013), é comum nos depararmos com a descrição de habilidades ou competências que precisam ser desenvolvidas pelos jovens em meio às possibilidades e riscos contemplados na cultura digital. Assim, destacamos as mais recorrentes:

- ✓ **Manejar com desembaraço** as diferentes tecnologias e linguagens por meio das quais circulam conteúdos comunicativos;
- ✓ **Selecionar** informações e mensagens, segundo os nexos definidos por seus próprios interesses e necessidades;
- ✓ **Identificar e interpretar**, nos conteúdos acessados, distintos discursos, interesses e tendências;
- ✓ **Exercer liberdade e autonomia** quanto à forma e tempo de participação;
- ✓ **Expressar-se de forma autoral e criativa** em seu contexto social de comunicação;
- ✓ **Dialogar com diferentes** indivíduos, grupos e organizações;
- ✓ **Gerenciar riscos e perigos** em função de processos interativos de comunicação e de convivência.

Ao pensarmos na relação entre o campo da educação e da comunicação, torna-se cada vez mais importante incluir e desenvolver essas capacidades/habilidades. Até porque, de acordo com Lévy (1993), as novas mídias vão provocá-las por sua própria natureza paradigmática. A política intrínseca das novas interfaces exige efetivamente a orientação para os projetos envolvendo mídias e, portanto, devem aderir às novas demandas e modalidades sociais de comunicação e aprendizagem (LÉVY, 1993). Como exemplo, podemos destacar o Projeto Educação Tecnológica Precoce (ETP), que, em sua concepção, foi desenvolvido para mobilizar e desenvolver novas capacidades nas crianças (de 3 a 10 anos), em quatro países europeus (Alemanha, Holanda, Portugal e Espanha).

O projeto ETP, no sentido de uma intervenção precoce, possui uma abordagem mais diretamente relacionada com a preocupação da igualdade de oportunidades entre gêneros, no que diz respeito ao acesso e uso de tecnologias. Rodrigues et al (2007) relatam o desenvolvimento desse projeto internacional, que envolveu diferentes instituições e que teve como base a iniciação ao pensamento tecnológico de crianças em idade escolar. Embora a proposta relatada fosse criar oportunidades para desenvolver e apoiar o interesse das crianças na compreensão de princípios básicos de ciência e tecnologia, o projeto também terminou por contemplar os professores, uma vez que desenvolveu material pedagógico dirigido às crianças, com aplicação de propostas metodológicas de ensino-aprendizagem, na formação inicial e continuada de educadores do 1º ciclo do ensino básico, na área de educação e tecnologia⁶.

Desse modo, a elaboração do projeto ETP contribuiu para o desenvolvimento de experiências, atividades e materiais pedagógicos de domínio científico-tecnológico, de forma a promover nas crianças uma tomada de consciência da necessidade de assumir uma postura rigorosa e crítica, face aos diferentes fenômenos da cultura digital.

Embora possamos perceber - especialmente frente aos mais jovens - o poder de sedução das novas mídias, nos convidando a acreditar na autenticidade, em sua veracidade, em sua segurança (SILVERSTONE, 2005), o conjunto de pesquisas com as quais dialogamos neste trabalho nos indica pistas, que preconizam que os riscos *on-line* a que as crianças se expõem podem ser minimizados, através do investimento em uma literacia digital, em jovens e em crianças cada vez mais novas. As possibilidades e oportunidades que a Internet oferece são evidentes, e, apesar dos possíveis riscos mencionados, cabe destacar que “o maior risco da Internet não deriva do seu uso, mas sim do seu ‘não uso’, já que a Internet se converteu na ferramenta básica de troca de informação do século XXI” (PONTE; VIEIRA, 2008). Com isso, os pais e educadores que não propiciarem uma interação maior dos jovens e crianças com a nova cultura digital podem terminar por deixá-los em

⁶ Como produto final do projeto ETP, foi elaborado um manual digital, com recursos didáticos disponíveis *on-line* aos professores. Mais detalhes em: <<http://www.earlytechnicaleducation.org>>. Acesso em 23/05/2013.

situação de desvantagem. Fato é que, em prol da aproximação e maior interação das crianças com as novas tecnologias, as responsabilidades devem ser compartilhadas entre escolas, famílias, indústria cultural, políticas públicas nacionais etc., para que possam, assim, favorecer aos mais novos o acesso à Rede e o desenvolvimento de habilidades necessárias ao uso seguro da Internet.

Referências bibliográficas

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

DUARTE, Rosália et al. O papel da escola no desenvolvimento de habilidades cognitivas no uso de mídias digitais. In. ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, XVI, 2012, Campinas. *Anais...* Disponível em: <<http://www2.unimep.br/endipec/0083s.pdf>>. Acesso em 02/05/2013.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades *on-line*. In. *Matrizes*, ano 4, nº. 2, p. 11-42, jan-jun 2011.

NEVES, Marta Guerreiro Dias. *Crianças e comunicação on-line: pistas para uma prevenção precoce do risco*. Lisboa: ISCTE – IUL, 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa, 2008. Disponível em <[www:http://hdl.handle.net/10071/1356](http://hdl.handle.net/10071/1356)>. Acesso em 21/06/2013.

ÓLAFSSON, Kjartan; LIVINGSTONE, Sonia; HADDON, Leslie. *Children's use of online technologies in Europe: a review of the European evidence base*. London: EU Kids Online, EU Kids Online Network, 2013. Disponível em <<http://eprints.lse.ac.uk/50228/>>. Acesso em 01/07/2013.

PONTE, Cristina; SIMÕES, José Alberto. Comparando resultados sobre acessos e usos da internet: Brasil, Portugal e Europa. *TIC Kids Online Brasil*, 2012 [livro eletrônico]: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes. Disponível em <www.cetic.br>. Acesso em 10/06/2013.

_____; VIEIRA, Nelson. Crianças e Internet, riscos e oportunidades: um desafio para a agenda de pesquisa nacional. In. MARTINS, M. de L. ; PINTO, M. (Orgs.). SOPCOM - Comunicação e Cidadania, 5. *Anais...* Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade; Universidade do Minho, 2008.

RODRIGUES, Elisabete et al. O projeto educação tecnológica precoce: uma oportunidade para implementar práticas de inovação curricular. In. *Sísifo Revista de Ciências da Educação*, n.3, p. 65-76, mai-ago, 2007.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* 2ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.